

## A ÉTICA DO ENCONTRO E A ESTÉTICA DA SINGULARIDADE NA OFICINA VIAGEM DE LETRAS

*Andrea de Arruda-Botelho*

### DE ONDE VENHO

Como os heróis de todos os tempos, retorno a casa depois de uma peregrinação.

Nasci como psicóloga no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Desde então, a psicanálise winnicottiana tem sido uma das referências teóricas que sustentam minha prática como clínica e pesquisadora. Em 1995 iniciei, no mesmo instituto, um mestrado<sup>1</sup> cuja pesquisa de campo foi a primeira versão da Oficina de Escrita Criativa e Autodesenvolvimento Viagem de Letras.

Em 1999, comecei a criar diversos formatos da oficina e ministrá-los de forma autônoma (não vinculada a projetos de pesquisa), em programas com durações e temáticas diferentes. A transdisciplinaridade da proposta, fundamentada em diferentes áreas – psicologia, terapias corporais, comunicações e artes, educação –, levou-me a percorrer outras paragens acadêmicas, nem tão distantes: na Escola de Comunicações e Artes da USP encontrei um contexto favorável para iniciar, em 2000, um doutorado em Ciências da Comunicação<sup>2</sup>. Mais uma vez, a pesquisa de campo foi uma Viagem de Letras.

---

<sup>1</sup> Realizado sob a orientação do Professor Livre Docente Lino de Macedo. Concluído em 1998 com a defesa da dissertação *No universo das Histórias: Oficina de Redação e Criatividade*. O objetivo da oficina que constituiu a pesquisa de campo era criar um contexto psicopedagógico para desenvolver, com crianças entre 8 e 10 anos, a escrita de histórias, partindo de um mergulho no universo do conto popular, explorando suas características e estudando os elementos fundamentais da estrutura de sua narrativa.

<sup>2</sup> Realizado sob a orientação do Doutor Edvaldo Pereira Lima. Concluído em 2004 com a defesa da tese *Tramas que sustentam transformações: escrita criativa e autodesenvolvimento como aliados na construção de perfis e histórias de vida*. A Professora Livre Docente Tânia Aiello-Vaisberg, coordenadora da *Ser e Fazer*, participou da banca.

Em 2002, participei pela primeira vez de um evento promovido pela *Ser e Fazer*. Surpreendi-me ao descobrir a existência desse grupo (dentro do “velho e bom” IPUSP – que eu nunca deixei de freqüentar, embora estivesse “morando” em outro lugar...), a falar de oficinas que me soavam extremamente familiares e levantava discussões que faziam muito sentido para mim. No segundo semestre de 2003, comecei a freqüentar semanalmente reuniões abertas do grupo. Isso me ajudou a compreender e situar melhor a oficina que eu mesma vinha criando num percurso relativamente solitário, do ponto de vista profissional. Aos poucos, as ressonâncias entre minha proposta e as oficinas psicoterapêuticas da *Ser e Fazer* foi ficando mais e mais evidente. Em 2004, fui convidada a integrar o grupo. Que bom ser acolhida de volta a casa!

## UM ENQUADRE DIFERENCIADO

O termo psicanálise em geral leva o leigo a pensar num divã sobre o qual o paciente se deita, de costas para o analista, que interpreta sua fala à luz de uma teoria sobre o funcionamento psíquico. Essa imagem popularizada alcançou expressão na frase “Freud explica”. Pessoas que conhecem melhor a “área psi” tendem a ter concepções menos estereotipadas da psicanálise, porém freqüentemente não mais acuradas do ponto de vista do método.

A nosso ver, é fundamental a distinção entre um plano propriamente metodológico e outro, que consiste no conjunto de procedimentos práticos pelos quais o encontro clínico se concretiza. (...) é distinguindo esses dois planos – o metodológico e aquele dos procedimentos – que julgamos fundamental conceituar a essência do método psicanalítico. (...) É curioso notar que provavelmente quem melhor apreendeu a essência do método tenha sido um não-psicanalista (...) Estamos nos referindo ao filósofo Politzer (...) A tese politzeriana assume que o aspecto verdadeiramente revolucionário da obra freudiana (...) consiste na idéia segundo a qual não existe nenhuma conduta humana isenta de sentido.

Esta é, por assim dizer, a “alma” do método psicanalítico, a idéia de que toda e qualquer manifestação humana é portadora de sentidos emocionais que só podem ser compreendidos quando são considerados os acontecimentos de vida do indivíduo singular, evidentemente contextualizados social, histórica, política e culturalmente.

(...) a base do método psicanalítico é uma ética que consiste, sucintamente falando, na inclusão da alteridade.” (Aiello-Vaisberg, 2004)<sup>3</sup>

Se considerarmos a essência do método, vemos que o que mais caracteriza um enquadre clínico como psicanalítico não é **o que** se faz nele e **onde** (embora isso também seja importante), mas **como**, e **a partir de que referencial**, se configura o devir dos encontros clínicos. Esse referencial é o conjunto de concepções sobre o ser humano que perpassam uma prática clínica e as teorias que a sustentam, que é de suma importância para o acontecer humano que ela engendra e faz muita diferença quanto aos “efeitos” que dela se podem esperar. De maneira geral, algum tipo de mudança é esperado por quem busca encontros clínicos. No entanto, a expectativa de um determinado profissional, por exemplo, sobre o que é passível de mudança e o que é estrutural (do ponto de vista biológico ou psíquico), portanto imutável, pode abrir ou fechar perspectivas de transformação.

A Viagem de Letras não é uma psicoterapia nos moldes convencionais, especialmente porque não há um propósito de “provocar” ou fazer emergir questões das pessoas, para esclarecê-las e interpretá-las. Há, isso sim, espaço para acolher e dialogar com temas pessoais e expressões emocionais que surjam espontaneamente. É um contexto que favorece o desenvolvimento pessoal de quem o compartilha de forma diferenciada do que pode ocorrer em outras atividades igualmente instrutivas e prazerosas. A presença de uma escuta psicanalítica e de um manejo de *setting* (ou *holding*) bastante específicos o caracterizam como uma *oficina*

---

<sup>3</sup> AIELLO-VAISBERG, Tânia. (2004) *A alma, o olho e a mão: estratégias metodológicas de pesquisa na clínica winnicottiana*. In *Ser e Fazer: Enquadres diferenciados na clínica winnicottiana*. Aparecida, SP, Idéias e Letras, 2004. p. 89, 90.

*psicoterapêutica* ou *psicoterapia não interpretativa* (Vaisberg, 2003). Portanto, pode ser visto como um enquadre diferenciado em psicanálise, considerando-se a essência do método.

## AMBIENTE SUFICIENTEMENTE BOM: A ÉTICA DO ENCONTRO

É traço marcante da oficina a expressão “à vontade”. O lanchinho de boas-vindas, os jogos teatrais, os exercícios de consciência corporal e outros aquecimentos contribuem para trazer a presença viva e real dos participantes e propiciar um clima favorável ao fluxo criativo. No entanto, a execução de brincadeiras e jogos, ou o uso de materialidades mediadoras, não é em si suficiente para que um estado de disponibilidade para o criar e o brincar<sup>4</sup> se construa de fato e possa se constituir como oportunidade de presentificação do verdadeiro *self*. Para isso, é mister que lá esteja, o tempo todo, a rede, a trama, a sustentação: *holding*.

Essa trama se compõe de um sem-número de fenômenos complexos de difícil descrição. Diz respeito a essa presença humana viva e real, que se consolida à medida que se constroem os vínculos entre um psicoterapeuta e seu paciente ou cada integrante de um grupo, e também os vínculos entre os próprios integrantes de um grupo. Algo que se dá no “acontecer inter-humano” – expressão cara à *Ser e Fazer* –; algo que sentimos quando falta, reconhecemos quando existe e, embora não possa ser visto, é quase palpável. Algo que remete ao regaço materno, ao olhar e ao fazer cúmplices da mãe suficientemente boa, que sustenta a ilusão do bebê de ser ele mesmo a inventar o mundo, na medida em que ela atende suas necessidades antes mesmo que se manifestem. E, com o tempo, frustra-o gradativamente, conforme ele amadurece e se torna capaz de diferenciar o mundo interno do externo. Para Winnicott, a

---

<sup>4</sup> No sentido atribuído por Winnicott ao “brincar como uma experiência, sempre uma experiência criativa, uma experiência na continuidade espaço-tempo, uma forma básica de viver.” (Winnicott, 1971a, p. 74-75)

capacidade de criar tem suas raízes nessa ilusão onipotente, à qual se segue a constituição do espaço transicional: um ponto de vista intermediário entre a percepção do mundo como totalmente “derivado de si” e a apercepção do mundo como uma realidade (ao menos parcialmente) compartilhada.

Winnicott reivindica um espaço intermediário entre a percepção e a apercepção, entre aquilo que é subjetivamente concebido e o que é objetivamente percebido, oriundo da ilusão onipotente, chamado de espaço transicional. Trata-se de uma área de ilusão compartilhada, que é justamente o fundamento de toda a cultura humana, uma vez que nada há que seja objetivamente percebido sem que antes tenha sido subjetivamente concebido.<sup>5</sup>

O acontecer inter-humano que se dá num “ambiente suficientemente bom”, preenchido de presença humana disponível e não invasiva, é essencialmente ético, porque instaura e sustenta a possibilidade de que o encontro aconteça na medida da possibilidade, do ritmo, do estilo de ser de cada um. Isso corrobora a noção de que “a base do método psicanalítico é uma ética que consiste, sucintamente falando, na inclusão da alteridade.” (Aiello-Vaisberg, 2004)

Em tais circunstâncias, o que está maduro para vir à tona “pede” expressão, e o contexto propicia que aquilo que “quer” vir ao encontro dos outros possa ser compartilhado. É como se a própria questão, emoção ou memória se articulasse num movimento em direção ao outro – um movimento de encontro/criação que diz respeito à transicionalidade, na medida em que é uma criação própria e, ao mesmo tempo, compartilhada. É própria porque nasce em alguém específico; é compartilhada porque não teria chegado a se configurar sem a presença do outro. Um paciente me perguntou, certa vez: “Mas o que é que você faz, que eu consigo perceber aqui, quando estou com você, coisas que tenho a sensação de que já sabia, mas que nunca teria me dado conta de que sabia se não tivesse estado com você?”

---

<sup>5</sup> AIELLO-VAISBERG, Tânia. (2004) *Transicionalidade e fisionomia coletiva*. In *Ser e Fazer*: Enquadres diferenciados na clínica winnicottiana. Aparecida, SP, Idéias e Letras, 2004. p. 106.

Trata-se de um saber sobre si que se põe em marcha em companhia de um outro ou de uma comunidade. Como mostra Gilberto Safra, a noção de *Sobórnost* é de grande valia para uma apreensão mais abrangente desse fenômeno:

*Sobórnost* (unidade, conciliar, comunitário) é uma noção fundamental no pensamento russo (...) A consciência individual é necessariamente fragmentada, a verdade do ser só acontece na consciência vista como acontecimento comunitário (*sobornyĭ*). (...) A afirmação fundamental é: *qualquer situação que fracture ou impeça Sobórnost adoece o ser humano*. (...)

A noção de indivíduo leva freqüentemente a uma compreensão do ser humano como ontologicamente isolado dos demais. *Sobórnost* assinala que cada ser humano é a singularização da vida de muitos. Compreender o ser humano como a singularização da vida de muitos implica em dizer que cada ser humano é a singularização da vida de seus ancestrais e é o pressentimento daqueles que virão. (...) A verdade de si mesmo acontece e se revela somente pelo reflexo do rosto do outro. (...) Em nossa maneira habitual de pensar, o ser é constituído antes da sociedade. *Sobórnost* assinala-nos que o ser é comunidade!<sup>6</sup>

O saber sobre si possível em *Sobórnost*, portanto, vai além do mero autoconhecimento, pois não deriva de constructos teóricos abstratos, mas se assenta sobre o acontecer humano: é trama tecida sobre uma urdidura-vínculo, uma urdidura-confiança.

Assim percebo o *holding* na oficina: como trama sutil que perpassa os encontros, configurando-a como espaço potencial (Safra, 1995). E favorecendo a construção de outras tramas – as narrativas –, carregadas de significado e de potencial mutativo. São tramas que sustentam transformações.

---

<sup>6</sup> SAFRA, Gilberto. **A Po-ética na clínica contemporânea**. Aparecida, SP, Idéias e Letras, 2004. p. 42, 43.

## ESCRITA COMO MATERIALIDADE EXPRESSIVA: A ESTÉTICA DA SINGULARIDADE

Tomando como paradigma o jogo de rabiscos praticado por Winnicott em consultas terapêuticas (Winnicott, 1965; 1971b), vejo a escrita realizada na oficina como uma materialidade expressiva, que é ao mesmo tempo meio e fim. É meio porque se oferece como veículo de expressão do verdadeiro *self*. É fim, na medida em que a escrita em si torna-se alvo de um aprimoramento contínuo, nos exercícios de produção e de edição individual e coletiva de textos<sup>7</sup>. Tal como ocorre no caso narrado por Jacirema Ferreira e Tânia Vaisberg (Ferreira e Aiello-Vaisberg), em que a paciente aos poucos deixa de lado a expectativa de corresponder a um padrão industrial de objetos de vidro sem defeitos ou bolhas e passa a se comprazer com as peças irregulares que cria, aqui o texto se faz matéria mole a ser moldada por mãos que alcançam maior desenvoltura quanto menos preocupadas com um bem-fazer calcado em padrões externos. Não se trata de “escrever bem como fulano de tal” – antes, a busca de uma escrita que expresse a singularidade de cada um conduz a um fluir que dá ao texto cor e sabor peculiares. É essa peculiaridade a grande descoberta, como se a materialidade pudesse revelar algo do “artesão” a ele mesmo – possibilita ao menos um vislumbre do verdadeiro *self*, porque o presentifica. Assim a escrita, tão freqüentemente vivida como sofrimento, pode torna-se um brincar.

Ao refletir sobre suas oficinas de teatro espontâneo, Christiane Camps<sup>8</sup> pondera:

O brincar, a ficção, assim como a experiência cultural, pode ser o meio de presentificação do *self* verdadeiro, esse núcleo central do ser que merece ser preservado e que permanece silencioso, desconhecido, nunca encontrado (Winnicott, 1963/1983). Entendo que quando oferecemos, através de uma atividade lúdica como o teatro da

---

<sup>7</sup> Edição como processo de burilar um texto.

<sup>8</sup> CAMPS, Christiane Isabelle Couve de Murville. **A hora do beijo**: teatro espontâneo com adolescentes. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2004. p.135.

espontaneidade, a possibilidade de uma comunicação verdadeira, envolvendo esse núcleo sagrado, que podemos chamar de verdadeiro *self*, surge a oportunidade do indivíduo sentir-se real, vivendo de acordo com o que existe de mais profundo em seu ser.

A oficina favorece, portanto, o abandono de critérios rígidos de “escrever bem” e a busca de uma beleza cujo referencial é o verdadeiro *self*. Trata-se de conquistar ou incrementar um estilo pessoal de escrever – uma estética da singularidade, que diz respeito ao estilo de ser. Não somente o contexto, mas também a maneira em si de produzir textos na oficina vão no mesmo sentido: os procedimentos empregados buscam uma escrita livre, espontânea, e se fundamentam sobre a noção de que a criatividade está ligada à ruptura de padrões rigidamente estabelecidos. O principal desses procedimentos é a Escrita Rápida<sup>9</sup>, que dá ênfase total ao fluir, durante a concepção do texto. Escreve-se “sem olhar para trás”, sem parar para riscar ou reescrever qualquer parágrafo antes de ter chegado ao fim do texto. A observância de regras ortográficas e gramaticais é deixada para um momento posterior – que pode ser solitário ou compartilhado. Há um programa da oficina<sup>10</sup> no qual alguns textos produzidos nos encontros são editados em grupo. No entanto,

---

<sup>9</sup> Escrita Rápida (do Método Escrita Total, do professor Doutor Edvaldo Pereira Lima): consiste em escrever o mais rapidamente possível após ser dada uma largada, sem parar para ler o que se está escrevendo, durante no mínimo dez minutos. Não vale parar de escrever enquanto houver tempo disponível, nem continuar escrevendo depois que o tempo acabar. O título do texto só é dado depois que ele estiver terminado. (Ver LIMA, E. P. *Da Escrita Total à consciência planetária*. In **Criatividade e novas metodologias**. São Paulo, Fundação Peirópolis, 1998.)

<sup>10</sup> A Viagem de Letras acontece em vários formatos, com programações diferentes. Em todos os programas, após os exercícios de escrita os textos são lidos em voz alta para o grupo e comentados por quem quiser se manifestar. Em um dos programas (Produção e Edição de Textos: A vivência do mito), alguns dos textos produzidos na oficina são editados: primeiramente em casa, individualmente, e depois em grupo, na oficina (o autor traz cópias pra todos, vamos lendo cada parágrafo e sugerindo alterações). Na pesquisa de campo do doutorado aconteceram várias dessas rodadas de edição coletiva.



a edição coletiva não opera no sentido de ditar regras de certo ou errado – antes, é vivida como uma “experiência de transformação em *Sobórnost*”. Buscar novas formas, ter dúvidas e consultar manuais de redação e dicionários, mudar trechos de lugar, cortar, acrescentar... São práticas importantes para o processo de “depuração” de um texto. E cada texto depurado é uma oportunidade de apurar o estilo de escrever, que é “pessoal e intransferível”.

As rodadas de “palpites e sugestões” e mais especialmente as de edição coletiva de textos são também um importante exercício de falar e ouvir, dar e receber. Embora seja politicamente correto ter interesse em ouvir críticas, há quem esteja aberto apenas para receber elogios. Em contrapartida, há os que têm dificuldade em formular críticas sem ser invasivos. Ao longo das rodadas de edição, em geral as pessoas adquirem maior liberdade para expressar suas opiniões e receber sugestões, pois aos poucos se constrói uma “cumplicidade boa”, em que impera o respeito pelo estilo de escrever de cada um. A experiência vivida no grupo vai mostrando que a crítica respeitosa não “arranca pedaço”: ao contrário, é um presente bem-vindo. Longe de descaracterizar a marca pessoal do autor, as sugestões o ajudam a encontrar formas que mais precisamente a revelem, especialmente porque partem de um ponto de vista que ele (autor) jamais poderia ocupar por completo; portanto, iluminam regiões que para ele seriam impossíveis de acessar sozinho. Os exercícios de edição em grupo na oficina vivificam, de uma certa forma, a experiência da construção de um saber de si mediado pelo olhar do outro.

## EM BUSCA DE MOSTRAR-SE COMO ROSTO: A PESQUISA DO DOUTORADO

O objetivo último da pesquisa era instrumentalizar seis jornalistas para construir perfis ou histórias de vida, com inspiração no jornalismo literário<sup>11</sup>. O objetivo primeiro era

---

<sup>11</sup> Elaboração de reportagens, colunas, ensaios e outras práticas jornalísticas empregando recursos inspirados na literatura.

preparar o alicerce para essa construção, ajudando-os a se tornarem mais autores de suas próprias histórias de vida.

Os principais focos dessa instrumentalização eram as relações estabelecidas quando da realização de entrevistas e o aspecto estilístico do texto.

A integração entre esses dois objetivos foi facilitada na medida em que as histórias de vida dos participantes foram o tema da maior parte dos exercícios de escrita realizados no primeiro semestre da pesquisa.

Na formulação politzeriana, o conceito de drama é usado para designar a trajetória vital do homem desde o nascimento até a morte. A narrativa em primeira pessoa, associada ao gesto, é considerada a chave para a compreensão do fato psicológico.

(...)

Bleger, fundamentado nas teses politzerianas, estabelece como objeto por excelência da ciência psicológica o estudo da conduta, entendida como toda e qualquer manifestação humana. Unitária em sua essência, a conduta pode se expressar em três diferentes áreas: a do corpo, a da mente e a da ação sobre o meio, havendo, ocasionalmente, o predomínio aparente de uma sobre a outra (ou as outras), no momento de sua manifestação.

Consideramos, então, que a conduta só pode ser compreendida em função do drama e que a dissociação entre corpo e mente é artificial e pode levar a idéias equivocadas quanto à natureza humana.<sup>12</sup>

Tivemos 30 encontros (cerca de 70 horas). Depois de um primeiro, intensivo (8 horas num sábado), reunimo-nos semanalmente 14 segundas-feiras (mais ou menos duas horas e meia por vez) ao longo de um semestre, encerrado com outro encontro intensivo (16 horas). Nessa primeira etapa, as principais atividades desenvolvidas foram baseadas em entrevistas em dupla sobre momentos específicos da história de vida de cada um, com a subsequente produção de

---

<sup>12</sup> AIELLO-VAISBERG, Tânia. (2004) *A alma, o olho e a mão: estratégias metodológicas de pesquisa na clínica winnicottiana*. In *Ser e Fazer: Enquadres diferenciados na clínica winnicottiana*. Aparecida, SP, Idéias e Letras, 2004. p. 89, 90.

textos em Escrita Rápida, que nos encontros seguintes eram editados coletivamente (após terem passado por uma primeira edição individual do autor). Os textos foram todos escritos em primeira pessoa, porém com base na entrevista ouvida de um colega.

A segunda etapa da pesquisa iniciou-se a partir da definição dos parâmetros para que cada um dos jornalistas escolhesse um personagem (externo ao grupo) e escrevesse um perfil ou história de vida. Mantivemos encontros quinzenais por mais um semestre – alguns com a participação do meu orientador –, nos quais se discutiram as duas primeiras etapas da construção desses textos específicos: preparação da pauta e captação de dados (entrevistas). Voltamos a nos reunir 9 meses depois, quando todos os perfis tinham sido escritos, para discutir sua primeira versão. Encerramos a oficina dois anos depois do primeiro encontro.

Dentre as conquistas dos integrantes do grupo favorecidas pela oficina, destacou-se a diminuição da ansiedade em relação ao olhar do outro e ao próprio olhar. O contexto, em que o expor-se podia ser vivido como enriquecedor e não-invasivo, parece ter sido fundante de uma possibilidade de cada um estar mais à vontade em relação à própria escrita e a si mesmos, e portanto em relação a uma escrita oriunda do si mesmo. Essa possibilidade assinala uma condição ética – ou seja, uma possibilidade de “*morar no mundo entre os humanos*”<sup>13</sup>.

O percurso do indivíduo por meio das condições necessárias ao acontecer humano permite-lhe apropriar-se de uma ética, a *ética do ser*, que não é aprendida por regras de comportamento, mas emerge desse percurso. A etimologia da palavra *ethos* remete a dois sentidos como (εθος) práxis, costume, e (ηθος) como morada e pátria.

(...) Ao voltarmos o olhar para a situação clínica, veremos que ela se caracteriza pelo cuidado que estabelece as condições necessárias para o acontecer humano. Esses são fatos que me levam a afirmar que a clínica é essencialmente ética e a ética é clínica!<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> SAFRA, Gilberto. Op. cit. p. 26.

<sup>14</sup> SAFRA, Gilberto. Op. cit. p. 26, 27.

Poder estar à vontade em relação ao olhar do outro é também condição para *Sobórnost*. Para se ter um rosto e poder mostrá-lo.

Florensky (1882-1937) afirma que para o ser humano há três possibilidades fundamentais de existência: ser *Máscara*, ser *Cara* ou ser *Rosto*.

Ser *Máscara* é a condição em que o ser humano foi reduzido ao registro social. (...)

Ser *Cara* é estar reduzido a um organismo biológico. (...)

O *Rosto* assinala a pessoa que, mesmo estando no mundo humano, está sempre para além dele. Possibilidade para aqueles que puderam integrar sua condição de instabilidade por meio do gesto criativo frente ao Outro.<sup>15</sup>

Sentir-se bem a descoberto, vulnerável aos olhos de um outro, pressupõe que essa condição ética tenha sido minimamente alcançada. Nas rodadas de edição essa questão se evidencia: pôr na roda um texto para que seja comentado é, num primeiro momento, algo temido como “dar a cara a tapa”. A expectativa inicial é muitas vezes pessimista. O inesperado sopro de vida que se pode receber no rosto nessa situação é não raro uma grata surpresa. Os depoimentos dos cinco presentes na primeira rodada de edição, escritos ao final do encontro, sugerem isso:

Bebel

Interessante a proposta de hoje, de “mexer” em texto alheio. Na condição profissional de subeditora, não é novidade interferir em texto de terceiros, mas é diferente quando essa interferência se dá na presença do autor. A princípio mostrei-me reticente em fazer alterações, temerosa de não agradar ao autor. À medida que cresceu a participação dos demais, senti-me mais à vontade. Depois de um certo tempo, estava plenamente à vontade para emitir opiniões e vê-las aceitas ou recusadas.

---

<sup>15</sup> SAFRA, Gilberto. Op. cit. p. 66.

Cris

O aquecimento esquentou o corpo, a língua e o cérebro. A edição a doze mãos foi disputada, difícil. Mas foi bom porque o respeito venceu. Milagre, dentre tantos jornalistas.

Denise

O aquecimento me fez chegar aqui, encontrar ritmo para mais uma viagem pelas letras. No mergulho no texto do Paulo, a liberdade de apontar, mexer e palpitar no outro. Sem frescuras, sem encanações de redação. Apenas vontade de ajudar as palavras a saírem mais fortes e transparentes. Desejo de editar meus textos, de refazê-los, de olhá-los como se fosse a primeira vez.

Henrique

(...) fiz algo que adoro fazer – editar. Achei que fosse mais, digamos, “traumática” a edição em 12 mãos (!!), mas fiquei surpreso ao ver o (bom) resultado, que manteve o estilo de nosso amigo Paulo.

Paulo

Eu, centro do trabalho.  
Me sinto bem com todos corrigindo e gostando do meu texto.  
Leão rege meu momento.  
Gosto de ser o centro do mundo.  
É a mão na cabeça que sempre quis.  
Eu amando a mim mesmo.  
Depois o outro.  
Enfim!  
Só, mas não sozinho!  
Uno!

Cristian, no encontro seguinte, escreveu:

Descobri que mexer no texto dos outros é uma delícia. Ainda mais quando o texto é bom. Gosto disso porque sou bem crítico às vezes, querendo preponderar minhas opiniões. Em grupo essa suposta imponência se dilui, combinando com outras opiniões.

De todos os participantes, Cris foi quem mais pareceu ansiosa nas rodadas de edição. Inicialmente, sentir-se exposta a apavorava. No dia em que editamos seu texto, ficou bastante apreensiva. Mas acabou conseguindo relaxar:

Minha experiência de hoje me fez ouvir, me fez constatar que posso ouvir. Ouvir a mim, ao meu coração, e aos outros. Ver as opiniões dos outros sobre meu texto grafadas não doeu. Foi engraçado. Ainda bem que meu coração hoje bateu suave. Preciso dessa leveza, que me leve.

## RUMO À LEVEZA: UMA MULHER MENOS CRIS<sup>16</sup> E MAIS CRIS

Os depoimentos orais e escritos de Cris sugerem que a oficina a acolhia num espaço de encontro com outros e com uma “ela mesma” que se tornava mais leve, também no sentido figurado. Naquela fase de sua vida, esse acontecer inter-humano teve importância vital. “Foi a única coisa que eu não parei de fazer na fase de recuperação da cirurgia” – disse. No período em que freqüentou a oficina, ela viveu muitas (e grandes) transformações. Seu depoimento final sugere que a gradativa diminuição do medo do olhar alheio inaugurou uma nova possibilidade de “morar no mundo entre os homens”:

Uma pesquisa de campo intriga. Fazer parte disso é ser pesquisado, pesquisador, cobaia, tudo ao mesmo tempo. Quando a pesquisa se volta para a produção escrita, é mais desafiador ainda. Quando disse - Topo!, nunca poderia imaginar o que estaria por vir. (...) Essa atenção, as luzes voltadas para você, é um desconforto. É como (...) de repente ir para o lugar do entrevistado, o outro que sempre tinha o papel mais humano nesta relação midiática: aquele que responde as perguntas frias, pensadas em reuniões de pauta (...). Desta primeira inversão de posição, de valores, veio uma mudança muito maior, ao mesmo tempo em que se desenvolviam as reuniões nas noites de segunda-feira. (...) o único dia de descanso era a segunda-feira, as segundas azuis.

As tarefas em si foram muito simples. (...) as propostas de novas formas de produção não travaram. O medo oculto de tanta gente me ver exposta apavorava. (...) As reuniões de produção, as vivências que tivemos, soltaram muita coisa represada, conteúdos que nunca se atreveriam a cair sobre uma folha em branco em outros tempos. (...)

---

<sup>16</sup> cris: (1) eclipsado, que sofreu eclipse; (2) espécie de adaga; (3) gris (cor cinzenta). **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

Depois da cirurgia [gastroplastia], o mês de recuperação foi um calvário. (...) Baixar 50 quilos no próprio peso é um choque. A mudança interior foi bem maior. (...)

Acredito que essa experiência [na oficina] ajudou a despertar uma coragem que eu nem sonhava que tinha, como narradora. (...) Os mitos que construí (...) caíram por terra, ao ver que pessoas normais, que tinham menos ou mais dúvidas como narradores como eu, participavam da mesma pesquisa, da USP. Eu nunca pensei que o direito de ser medíocre, mediana, básica, normal, fosse tão importante. É vital. É o começo de tudo, de superações e de coragem para pequenos e grandes desafios. Vestir a primeira minissaia ou escrever o primeiro perfil, com foco narrativo literário, foram duas grandes realizações. Se a roupa caiu tão bem ou se o texto é brilhante, não importa. O que vale é que não passei pelas reuniões sem realmente estar lá. (...) me sinto muito nova, renascida há muito pouco, para uma vida nova. E sem medo de escrever sobre isso. Só sei que não pararei mais de escrever, de pensar em vários pontos de vista de uma mesma narrativa minha, de tentar encontrar mais um e outro caminho de enriquecimento do texto, da estória, da história, da vida, da criação, de ser humana na essência, nua. Porque sou escritora e ponto. Muito obrigada (...). Obrigada vida, por voltar de novo, a cada dia, com ou sem o sol.

Na elaboração da versão final do perfil, sua escrita jornalística – antes tão presa a fórmulas tradicionais – ganhou asas. Pela primeira vez ela ousou assumir um foco narrativo diferenciado num perfil. Sua euforia era tanta que me ligou e deixou um recado: “Liguei pra falar que uma escritora nasceu! Achei! Quem conta a minha história é um bem-te-vi – eu virei passarinho!”

### **Resumo**

A Oficina de Escrita Criativa e Autodesenvolvimento Viagem de Letras fundamenta-se nas áreas de psicologia, terapias corporais, educação, comunicações e artes e acolhe um público heterogêneo (adolescentes e adultos, estudantes ou profissionais das mais variadas áreas). A proposta pode ser vista como um enquadre diferenciado na clínica winnicottiana. O artigo evidencia o aspecto ético do *holding* (também conhecido como *manejo de setting*) e relata sucintamente uma oficina realizada

com seis jornalistas, que constituiu a pesquisa de campo de doutorado da autora em Ciências da Comunicação. No que diz respeito ao fazer, a oficina ofereceu aos participantes ferramentas para a construção de perfis e histórias de vida usando recursos do jornalismo literário; no que concerne ao ser, forneceu elementos para os alicerces dessa construção, ao ajudá-los a se tornar mais autores de suas próprias histórias de vida. Dentre as transformações observadas no decorrer desse processo, destaca-se a diminuição da ansiedade dos integrantes do grupo em relação ao olhar do outro e ao próprio olhar – ou seja, à crítica e à autocrítica. A oficina criou um contexto favorável para a presentificação do verdadeiro *self*, encorajando o *gesto espontâneo* e o desenvolvimento do *estilo de escrever* de cada um, em ressonância com o *estilo de ser*.

### ***Palavras-chave***

Winnicott – holding – enquadre diferenciado – escrita criativa – estilo de escrever

### ***Abstract***

#### ETHICS OF THE ENCOUNTER AND AESTHETICS OF SINGULARITY IN THE WORKSHOP VOYAGE BY WORDS

*Viagem de Letras* (“Voyage by Words”) is a creative writing and self-development workshop, which has its foundations in the areas of psychology, body therapy, education, communications and arts, and can be seen as a non-conventional setting in the winnicottian clinic. The article stresses the ethic aspects of the *holding*, and gives a brief overview of the workshop, which consisted in a research with six journalists, and took place at the time when the author was preparing her PhD thesis in Communication Sciences. Concerning the “doing” aspect, the workshop offered the



participants tools to help them build profiles and life stories, resourcing to the so-called “literature of reality”. Concerning the “being” aspect, the workshop provided them with elements to set up the foundations of the profile building process, by helping them to be the authors of their own life stories. Among the transformations observed during the workshop, one particularly stands out: the reduction of anxiety regarding other participants’ views and also their own – that is, a change of attitude in which regards critique and self critique. The workshop created a favorable context to the presentification of the *true self*, encouraging the *spontaneous gesture* and the development of one’s individual writing style, in resonance with the *style of being*.

### **Keywords**

Winnicott – holding – creative writing –  
– style of being – style of writing

## **Referências Bibliográficas**

- AIELLO-VAISBERG, T. M. J. (2003) *Sofrimento humano e estudo da “eficácia terapêutica” de enquadres clínicos diferenciados*. In *Cadernos Ser e Fazer: apresentação e materialidade*. Organizado por Tânia Aiello Vaisberg e Fabiana Follador e Ambrosio. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2003.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J. (2004) *Transicionalidade e fisionomia coletiva. Ser e Fazer: Enquadres diferenciados na clínica winnicottiana*. Aparecida, SP, Idéias e Letras.
- ARRUDA-BOTELHO, A. P. **No universo das histórias: Oficinas de Redação e Criatividade**. São Paulo, 1998. **Dissertação** (Mestrado) - Instituto de Psicologia, USP.
- ARRUDA-BOTELHO, A. P. **Tramas que sustentam transformações: escrita criativa e autodesenvolvimento como aliados na construção de perfis e histórias de vida em jornalismo literário**. São Paulo, 2004. **Tese** (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, USP.
- CAMPS, Christiane Isabelle Couve de Murville. **A hora do beijo: teatro espontâneo com adolescentes**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2004.
- FERREIRA, J. C.; VAISBERG, T. M. J. A. *O que era vidro quebrou-se*. **Revista Portuguesa de Psicossomática**. Porto, Sociedade Portuguesa de Psicossomática, V. 6, n. 1, p. 75-86, jan/jun 2004.

- HOUAISS, Antonio (1915-1999) e VILLAR, Mauro de Salles (1939-). **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.
- LIMA, E. P. *Da Escrita Total à consciência planetária*. In **Criatividade e novas metodologias**. São Paulo, Fundação Peirópolis, 1998.
- SAFRA, Gilberto. **Momentos Mutativos em Psicanálise**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1995.
- SAFRA, Gilberto. **A Po-ética na clínica contemporânea**. Aparecida, SP, Idéias e Letras, 2004.
- WINNICOTT, D. W. (1965) *O valor da consulta terapêutica*. In WINNICOTT, C. et al. **Explorações Psicanalíticas**. Artes Médicas, Porto Alegre, 1994. p. 244-248.
- WINNICOTT, D. W. (1971a) **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro, Imago, 1975.
- WINNICOTT, D. W. (1971b) **Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil**. Rio de Janeiro, Imago, 1984.